



BRASTEMP
Tecnologia com carinho

CAIPIRAS, CAPIAUS: PAU-A-PIQUE
29 de junho a 14 de outubro

Terça a Sexta das 11:30 às 22 h
Sábados, Domingos e Feriados das 10 às 20 h

CENTRO DE LAZER SESC FÁBRICA DA POMPÉIA
Rua Clélia, 93 Vila Pompéia São Paulo Fone 864 8544

CAIPIRAS DE SÃO PAULO: CAMPONESES

Antônio Cândido, cujo livro *Os Parceiros do Rio Bonito* continua a ser uma viva lição de como a ciência pode, ao mesmo tempo, amar e compreender o **outro**, (em nosso caso, os povos caipiras dos sertões de São Paulo), estende-os e à sua cultura para além das fronteiras do Estado.

*Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das Capitânicas de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros (Antônio Cândido, *Os Parceiros do Rio Bonito*, pg. 79).*

Quem foram estas “gentes” e o que foi aquilo que até hoje estudiosos e pesquisadores chamam de uma “cultura caipira”?

Ao longo das trilhas abertas desde o começo do século XVII pelos bandeirantes paulistas, e em quantidade muito maior do que os aldeamentos onde os padres jesuítas reuniam os povos indígenas da Província, surgiram sesmarias, depois, fazendas, povoados e vilas, sítios e bairros rurais. Entre os homens “da roça”, sesmeiros — não raro pobres senhores de muitas terras — fazendeiros, sitiante, posseiros, parceiros, agregados e camaradas, foram os povoadores pioneiros dos sertões desconhecidos. Pouco a pouco, aos mais ricos e poderosos foram sendo dados títulos que iam de “senhor de terra” a “homem de bem”, de “cidadão” a “barão”. Aos mais pobres, trabalhadores livres de uma economia construída também pelo trabalho do escravo, costumava-se dar genericamente o nome de **caipiras**.

Famílias camponesas que ocuparam as terras por onde os bandeirantes apenas passaram, em busca de índios, ouro e pedras, vivendo “sem pagar aluguel” nos êrmos das grandes fazendas como agregados subalternos durante muitos anos na história de São Paulo, até quando surgiram os sistemas de “plantar na meia” ou “no arrendo”, povoando como posseiros terras devolutas, até quando o poder de um senhor do Reino ou da Província as expulsasse de lá; adquirindo, finalmente, pequenas propriedades a que se deu o nome de sítio, sendo o seu dono o sitiante, às vezes, o “situante”.

Os primeiros **caipiras** foram lavradores rústicos entre a pobreza e a miséria. Sujeitos cuja pessoa derivou de trocas, de poder e sexo entre o colonizador português e o índio. Por isso, por muito tempo o **caipira** foi também o **caboclo**. Trabalhadores familiares, produtores em nível do que Antônio Cândido chamou de “mínimos vitais”, os primeiros **caipiras** foram posseiros e agregados e só mais tarde sitiante mais estáveis, donos de suas terras e, pelo menos em parte, de seu destino.

Quando o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire viajou por São Paulo, poucos anos antes da Independência, entre Franca e a Capital, encontrou-os em ranchos, pobres e violentos.

Obrigado pela ventania a deixar o rancho, fui procurar abrigo numa das cabanas principais, mas admirei-me da desordem e da imundície reinantes na mesma. Grande número de homens, mulheres e crianças logo rodeou-me. Os primeiros só vestiam uma camisa e uma calça de tecido de algodão grosseiro; as mulheres, uma camisa e uma saia simples. Os goianos e mesmo os mineiros de classe inferior vestem-se com muito pouco apuro, mas pelo menos, são limpos; a indumentária dos pobres habitantes do Rio das Pedras era tão imunda quanto suas cabanas. À primeira vista, a maioria deles parecia ser constituída por gente branca; mas a largura de suas faces e a proeminência dos ossos das mesmas traía, para logo, o sangue indígena que lhes corre na veias, mesclado com o da raça caucásica... Pode-se acrescentar aos demais, que à indolência juntam eles, geralmente, a

idiotice e a impolidez... Ao passo que em Minas, ao menos nas regiões mais civilizadas da província, os homens, mesmo os das mais baixas classes sociais, mantêm entre si relações de certa cordialidade, eu ouvia, desde que atravessasse a fronteira de São Paulo, falar-se, comumente, em matar, como em qualquer parte se faria em dar bengaladas. "Chumbo na cabeça", "faca no coração" eram as doces palavras que, constantemente, feriam meus ouvidos. Os antigos paulistas faziam tão pouco caso da própria vida quanto da de seus semelhantes... Como, de resto, poderiam perder a rudeza hereditária? Não recebem nenhum ensinamento religioso, os maus exemplos dos malfeitores, foragidos de Minas e entre eles abrigados, mais os excitam à prática do mal e, ademais, em regiões tão afastadas, as leis de repressão podem ser consideradas como inexistentes.

(Augusto de Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo*).

Não são apenas essas, no entanto, as razões do "estado" em que tanto Saint-Hilaire quanto outros viajantes nacionais e estrangeiros encontram os primeiros povoadores camponeses de São Paulo. Um fato da história esquecido, inclusive dos livros de escola, precisa ser lembrado aqui. Durante pelo menos um século e meio as populações **caipiras** existiram nas áreas de fronteira. Tinham à sua frente e à sua volta povos indígenas que lutavam pela defesa de suas terras, suas vidas e sua liberdade. Os que escapavam os povoadores "guerras justas" movidas pelos bandeirantes ou por autoridades da Coroa, enfrentavam os povoadores **caipiras**. A memória deste tempo de lutas entre brancos e pobres índios está viva até hoje em várias músicas sertanejas que falam com horror do "bugre". À sua retaguarda tinham franjas de grandes proprietários, futuros donos de lavouras mercantis de cana e, depois, de café. Senhores de terra que, com freqüência, por compra forçada ou por pura e simples expulsão violenta, ocupavam as terras "limpas de índios" e civilizadas para a lavoura, através do trabalho do **lavrador caipira**.

Abandonado entre "bugres" e "senhores", este notável civilizador paulista viveu em família, como um camponês típico, uma longa história de expropriação e violência. Precárias eram as vidas e os feitos da cultura: as "roças de toco" abertas na derrubada das matas, os ranchos de pau-a-pique que logo seriam abandonados, os instrumentos do trabalho, do monjolo ao alambique, do machado à enxada. Formadores das condições da vila e da cidade, viveram por muitos anos o destino de gente pobre, embora livre, sempre empurrada para um "sertão" mais adiante, o mesmo para onde antes haviam expulsado o indígena.

Agregados, quando se deixavam ficar em alguma fazenda, como **meeiros**, **arrendatários**, simples **moradores** ou **camaradas**; posseiros ou **sitiantes**, os **caipiras** paulistas foram, sobretudo no caso dos dois últimos tipos de camponeses da província, os povoadores dos bairros rurais, o seu lugar de vida. O mesmo que sobrevive até hoje nas áreas de São Paulo que preservam ainda "bolsões caipiras", como regiões de Sorocaba, da periferia ao Sul de São Paulo e de boa parte do Vale do Paraíba. Tão logo puderam estabilizar a vida familiar e coletiva, foram produtores importantes do abastecimento das grandes fazendas de trabalho escravo e mesmo das cidades. Hoje se sabe que não teria sido possível o surto de progresso produzido pelo trabalho escravo no café, sem que o trabalho livre do **lavrador caipira** não tivesse continuamente abastecido de milho e feijão, arroz, batata, mandioca, algodão, cana e fumo, as fazendas, as vilas e as cidades.

Pobres, eles próprios, os **caipiras** de São Paulo alimentavam a vida da província.

*Como a terra é aqui abundante e toca a todos, esses homens a quem se chama no lugar caipiras, cultivam a ferro e fogo o torrão que possuem e plantam milho, feijão e arroz. Colhido o produto levam-no ao mercado onde o vendem para comprar a roupa que lhes é necessária (Augusto Emílio Zaluar, *Peregrinação pela Província de São Paulo*, pag. 108).*

A visão de um lavrador caipira indolente e ignorante é produto da cidade. Melhor ain-

da, é produto do modo de ver daqueles a quem sempre interessou usar o trabalho da família camponesa tradicional, negando a ela as condições de sua própria realização. Apenas nos primeiros anos de nosso século alguns estudiosos paulistas começaram a resgatar a pessoa e a cultura do **caipira**. Entre os primeiros, um dos mais importantes foi sem dúvida alguma Cornélio Pires. Sem as armas das ciências sociais de agora, ele foi capaz de compreender, em primeiro lugar, que o lavrador rústico de São Paulo foi como foi, porque foi induzido pelo poder de outros a viver como viveu. Mais do que isto, ele foi capaz de perceber, neste aparente homem "sem cultura", um tipo de produtor isolado, privado de recursos, mas, por outro lado, capaz de sobreviver por sua conta em situações muito adversas, capaz de multiplicar-se em muitas categorias de trabalhadores, artistas e artesãos e, portanto, capaz de haver criado uma **cultura caipira**, cuja aparente rusticidade apenas encobre uma sabedoria coletiva que do homem da cidade custa até hoje compreender.

Nascidos fora das cidades, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração do que pela cabeça. Timidos e desconfiados ao entrar em contato com os habitantes da cidade, no seu meio são expansivos e alegres, folgazões e francos; mais francos e folgazões que nós outros, da cidade. De rara inteligência — não vai nisso um exagero — são incontestavelmente mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e aprendem com mais facilidade; fato aliás observado por estrangeiros que com eles tem tido ocasião de privar. É fato, o caipira puxador de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquaras e guembê, ou construtor de pontes... Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores, têm crises de desânimo quando não trabalham em suas terras e são obrigados a trabalhar como camaradas, a jornal. Nesse caso o caipira é, quase sempre, uma vítima.

*O trabalhador estrangeiro tem suas cadernetas, seus contratos de trabalhos, a defesa do "Patronato Agrícola" e seus cônsules... Trabalha e recebe dinheiro. Ao nacional, com raras exceções, o patrão paga mal e em vales com valor em determinadas casas, onde os preços são absurdos e os pesos arrobalhados; nesse caso o caipira não tem direito a reclamações nem pechinches, está comprando fiado... com o seu dinheiro, o fruto do seu suor transformado em pedaço de caderneta velha rabiscada a lápis. E querem que o brasileiro tenha ânimo! Ânimo não lhe falta, quando trabalha em suas próprias terras. As suas algibeiras e o seu crédito nas lojas o confirmam... Dócil e amoroso é todo o camponês; sincero e afetivo é o caipira (Cornélio Pires, **Conversas ao Pé do Fogo**, pág. 13)*

Colocadas lado a lado, as primeiras observações apressadas de viajantes e cidadãos brasileiros, e os estudos posteriores, mais sérios e principalmente mais resultantes de um contato demorado e de uma compreensão objetiva das condições de vida e do modo de ser do **lavrador caipira**, temos duas leituras opostas. Aquilo que, antes, terminou por ser uma figura depreciada e definida pelo que lhe faltava, reaparece como uma identidade cujas virtudes coletivas fazem do campesinato tradicional paulista, um tipo de sujeito e um tipo de cultura com que todos nós temos muito o que aprender. A vocação ao trabalho, as relações de intensa reciprocidade, a honradez e a fidelidade são o estofo e dão sentido ao que primeiro pareceu ser indolência, ignorância e violência gratuita.

Uma estranha oposição de maneiras de reconhecimento torna evidente a maneira como lavradores tradicionais incorporaram à sua própria identidade os valores que os seus senhores e os homens da cidade, ao longo dos anos, atribuíram a ela. Sabemos que desde os tempos coloniais lavradores-pescadores do Litoral Norte de São Paulo são chamados de **caiçaras**. É neste sentido, por exemplo, que Gioconda Mussolini fala de uma **cultura caiçara** em seu livro **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara**. Sabemos também que ao lavrador tradicional dos "sertões de cima" se deu o nome de **caipira**. É, também, neste mes-

mo sentido, que autores atuais como Antônio Cândido, José de Souza Martins, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Florestan Fernandes e Maria Sylvia de Carvalho Franco falam de uma **cultura caipira**, ou mesmo de um **mundo caipira**.

No entanto, enquanto os pescadores do litoral usam para si próprio, com ênfases de orgulho, o nome **caçara**, entre os lavradores tradicionais do Vale do Paraíba o termo **caipira** é depreciativo, evitado, ou então usado para designar "o povo antigo". Ao nome que se evita prefere-se usar **sertanejo**, quando se fala de alguém que vive ainda, como entre Cunha e São Luís do Paraitinga, nas beiras das florestas que despencam pela Serra do Mar até o Litoral. Prefere-se, melhor ainda, usar o termo **lavrador** que, tão antigo quanto **caipira**, define, para ele próprio, o camponês paulista através de seu trabalho, o lugar de sua honra.

O que pode ser visto aqui e o que será debatido e vivido nestes dias é apenas uma mostra pequena do que são os lavradores tradicionais de São Paulo: sitiantes de hoje, camponeses meeiros ou arrendatários, agregados e camaradas. É uma amostra reduzida do que habita o seu mundo e a sua cultura. Objetos, músicas, fotos e falas que, retirados do lugar onde sobrevive um modo de vida **caipira**, correm o risco de, mesmo em conjunto, apresentarem apenas fragmentos da pessoa, do trabalho e da sabedoria deste agente civilizador. Um trabalhador da terra, morador de sítios e bairros rurais, cuja cultura é, desde alguns séculos, tão importante em tudo o que é o substrato mais verdadeiro e rico da própria cultura paulista. Um criador de cultura cuja riqueza múltipla e densa desafia em todos nós, mais do que uma curiosidade passageira — algo que possivelmente foi tudo o que tiveram para com ela os que primeiros passaram entre os **caipiras** — a sabedoria da compreensão.

Campinas, 13 de agosto de 1984

Carlos Rodrigues Brandão



EXPOSIÇÃO

CAIPIRAS, CAPIAUS: PAU-A-PIQUE